



O ser humano como um ente que fala. A apropriação heideggeriana da distinção de Aristóteles sobre os modos fundamentais do λόγον ἔχον (ter a linguagem)

L'èsser humà com a ésser que parla. L'apropiació heideggeriana de la distinció d'Aristòtil sobre els modes fonamentals del λόγον ἔχον (tenir el llenguatge)

El ser humano como ser hablante. La apropiación por parte de Heidegger de la distinción aristotélica sobre los modos fundamentales de λόγον ἔχον (tener lenguaje)

The human being as a speaking being. Heidegger's appropriation of Aristotle's distinction on the fundamental modes of λόγον ἔχον (having language)

Bento Silva SANTOS¹

Resumen: El artículo trata de la apropiación heideggeriana de la distinción aristotélica de los modos fundamentales de λόγον ἔχον («tener el lenguaje»), declinada por el Estagirita en *Ética a Nicómaco*, Libro VI, capítulo 2. En este sentido, destaco, en primer lugar, un aspecto de la parte «científica» del alma en relación con el origen de la sabiduría; en segundo lugar, yo enfatizo la importancia de la distinción entre sabiduría y técnica en relación con la creciente autonomía epistemológica de la técnica; en tercer lugar, comento la diferencia de los niveles de comprensión entre experiencia y técnica. Finalmente, concluyo con reflexiones sobre el carácter cada vez más autónomo del decir (λέγειν) en el interior del hacer a partir de la breve comparación de la técnica con la ciencia.

Palabras-clave: Virtudes Dianoéticas – Fenomenología – Discurso – Lenguaje.

Abstract: The article deals with Heidegger's appropriation of Aristotle's distinction of the fundamental modes of λόγον ἔχον ("having language"), as outlined by the Stagirite in Book VI, Chapter 2 of *Nicomachean Ethics*. In this sense, I emphasize, firstly, an aspect of the "scientific" part of the soul regarding the genesis of wisdom; secondly, I stress the

¹ *Professor Titular* da [Universidade Federal do Espírito Santo \(UFES\)](http://www.ufes.br) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa, nível C, do [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico \(CNPq\)](http://www.cnpq.br), desde 2009. E-mail: benedictus1983@yahoo.com.br.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

importance of the distinction between wisdom and technique in relation to the growing epistemological autonomy of technique; thirdly, I comment on the difference in levels of understanding between experience and technique. Finally, I conclude with reflections on the increasingly autonomous character of saying (λέγειν) within doing, based on a brief comparison of technique and science.

Keywords: Dianoetic virtues – Phenomenology – Discourse – Language

ENVIADO: 10.09.2015
ACEPTADO: 22.11.2025

Introdução

Na apropriação fenomenológica dos textos de Aristóteles desde 1921, Martin Heidegger² pretende desocultar o solo fenomenal do existir humano em vez de fixar o homem em uma definição, como é o caso, por exemplo, da definição tradicional, no sentido de “animal racional” ou de “ser vivo racional”. Não são obviamente definições falsas, mas maneiras secundárias de nomear a essência do homem ao nível do discurso teórico ou científico, sem levar em conta a cotidianidade do existir humano em sua mobilidade prático-existencial.

Neste âmbito de compreensão do existir humano só caberiam indicações formais, sempre abertas para novas possibilidades ainda não realizadas. Daí o sentido ontológico de *Existenz* para Heidegger: “A ‘essência’ (*Wesen*) do ‘ser-aí’ (*Dasein*) consiste em sua existência (*Existenz*)”³ [...]. “A compreensão de ser é por si mesma uma determinação ontológica do *Dasein*. Isso quer dizer: ser-aí (*Da-sein*) é, em si mesmo, compreender-ser”.⁴ Desse

² Sobre a leitura *refinada* de Heidegger dos textos de Aristóteles, ver minha obra *A fenomenologia hermenêutica da vida fática de Martin Heidegger (1919-1923)*. São Paulo: Editora LiberArs, 2023, 425-498.

³ M. HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, § 9, 42/139 (trad. Fausto Castilho).

⁴ M. HEIDEGGER, *Die Metaphysik des deutschen Idealismus*. (Freiburger Vorlesung I. Trimester 1941/Freiburger Seminar Sommersemester 1941) (GA 49), 41.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

modo, com base em uma aproximação fenomenológica, Heidegger destacou de modo original no fenómeno “vida humana” o elemento de alteridade radical que caracteriza o homem em relação ao animal em geral ou ser vivo não racional. Considerando que o termo λόγος é entendido como “discurso”, esta alteridade específica do existir humano consiste no fato de *ter a linguagem*.

Ein λόγος ist dann da, wenn das Sprechen ein Sprechen mit der daseienden Welt ist. Das Bedeuten im Namen ist bloßes Meinen im formalen Sinne, im λόγος, ist es das *Aufzeigen des Daseienden als des Daseienden*.

Um λόγος existe então quando o falar é um falar com o mundo existente” [...]. O significado no [mediante o] nome é um mero mencionar em sentido formal, no λόγος, o significado é o *mostrar o existente enquanto existente*.⁵

Acerca do que é *próprio* (ἴδιον) do homem em relação ao ser vivo irracional, vejamos o seguinte exemplo: *agir pelo desejo* e não por escolha e, vice-versa, *agir por escolha* e não por desejo. Nesta oposição, descortinada somente no interior da linguagem humana e *jamais colocada* no caso da vida animal, reside a *peculiaridade* do homem, que convive com a possibilidade de viver em contradição consigo mesmo, ou seja, em contradição com os desejos e/ou com os fins que escolheu para sua vida prática.

Em outras palavras: o homem é um ente ou ser vivo que *fala*, não no sentido fisiológico de emitir determinados sons como se simplesmente golpeasse o ar, mas, antes de tudo, enquanto é um ser vivo “*que tem o seu ser-aí autêntico na conversação (Gespräch) e no discurso (Rede)*. Os gregos existiam no discurso”.⁶ No caso de *Gespräch*, trata-se da dinâmica conjunta e da conversa, em que alguém reage imediatamente face à oferta da palavra correta; no segundo, enquanto *Rede* que comunica algo mediante o *dito* no discurso – o *sobre-o-qué* (*das Worüber*) –, está em jogo o *falar aos outros* (*zu anderen sprechen*), isto é, um

⁵ M. HEIDEGGER, *Einführung in die Phänomenologie Forschung* (WS 1923/1924) (GA 17), 20.22.

⁶ M. HEIDEGGER, *Grundbegriffe der aristotelischen Philosophie* [Sommersemester 1924] (GA 18), 108.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

chamar em causa o ente *enquanto* isto e aquilo (cf. o “als was” como possíveis categorias)⁷ em conformidade com a noção aristotélica de λόγος: “chamar em causa (*ansprechen*) algo enquanto algo”: λέγειν τι κατὰ τινος).⁸

Enquanto determinado pelo λόγος, “o modo de ser fundamental do homem no seu mundo é o falar (*Sprechen*) com o mundo, sobre o mundo, do mundo”.⁹ A interpretação heideggeriana se baseia na separação *ontológica* interna à experiência humana do mundo realizada pelo próprio Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, Livro VI,2 (1139 a 6 ss) quando declina a determinação fundamental do ser humano como aquele ente que *vive no interior da linguagem*, que *tem a linguagem*, mas, ao mesmo tempo, *é como que possuído por ela*: o que está em questão é, portanto, a expressão λόγον ἔχον: *ter a linguagem*. [...] (*Ética a Nicômaco* VI, 2; 1139 a 6).

I. O ἀληθεύειν como *determinação ontológica* inerente à própria vida

Na *Ética a Nicômaco*, Livro VI, Aristóteles distingue cinco modalidades que tornam possível o ἀληθεύειν (ser-verdadeiro, desocultar). Heidegger, por sua vez, mostra que todas as virtudes dianoéticas (técnica [*saber-como*] , ciência [*maestria intelectual*], prudência [*sagacidade situacional*], sabedoria [*entendimento compreensivo*], intelecto [*entender imediato*]), excetuando o νοῦς, são μετὰ λόγου (de acordo com o discurso ou faculdade discursiva), uma vez que o homem se serve fisiologicamente do λόγος, sua determinação fundamental – λόγον ἔχον –, com o objetivo de executar a sua atividade desocultante do ente: “é de uma importância fundamental que o ser-verdadeiro (*das Wahr-Sein*) não esteja orientado sobre o conhecer e sobre a validade do conhecimento, mas que o *verum* tenha a determinação fundamental de um *modus entis*”.¹⁰

⁷ Cf. M. HEIDEGGER, *Grundbegriffe der aristotelischen Philosophie* [Sommersemester 1924] (GA 18), 169-170.

⁸ ARISTÓTELES, *Metafísica* D 7, 1017 a 22ss. Cf. M. HEIDEGGER, *Die Grundbegriffe der antiken Philosophie* [Sommersemester 1926] (GA 22), 297.

⁹ M. HEIDEGGER, *Grundbegriffe der aristotelischen Philosophie* [Sommersemester 1924] (GA 18), 21.18.

¹⁰ M. HEIDEGGER, *Einführung in die Phänomenologie Forschung* [WS 1923/1924] (GA 17) 177.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
 Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
 Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
 Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
 ISSN 1676-5818

Com base em seu caminho de pensamento de Heidegger entre 1925-1926, a verdade será entendida a partir dos primeiros gregos como uma ‘abertura pré-discursiva’, ontológica, isto é, como um caráter dos próprios entes no sentido em que se fala, por exemplo, de ‘ouro verdadeiro’¹¹. A declinação das cinco modalidades é assim feita no *Relatório-Natorp*:

Es seien also der Weisen, in denen die Seele Seiendes als unverhülltes in Verwahrung bringt und nimmt – und das in der Vollzugsart des zu- und absprechenden Explizierens –, fünf angesetzt: verrichtend-herstellendes Verfahren, hinsehend-besprechend-ausweisendes Bestimmen, fürsorgliches Sichumsehen (Umsicht), eigentlich-sehendes Verstehen, reines Vernehmen [...]. Die hier in Rede stehenden >‘Tugenden’< sind diejenigen Weisen καθ’ ἃς [...] μάλιστα [...] ἀληθεύσει [ἢ ψυχῇ] (1139 b 12 sq.), deren reinem Vollzugscharakter entsprechend die Seele »am meisten« das je vorgegebene Seiende als *unverborgenes* in ursprüngliche Verwahrung gibt.

Sejam estabelecidas, portanto, em número de cinco – e isso na modalidade realizadora do explicar afirmativo e negativo – as modalidades pelas quais a alma toma e traz em custódia [ou salvaguarda] o ente enquanto não-velado: o proceder operativo-produtivo [τέχνη], o determinar observador, discursivo e demonstrativo [ἐπιστήμη], o ver-se ao redor solícito (circunspeção) [φρόνησις], o compreender que autenticamente vê [σοφία], o apreender puro [νοῦς] [...]. As ‘virtudes’ das quais aqui se fala são aquelas modalidades [ἔξεις] καθ’ ἃς [...] μάλιστα [...] ἀληθεύσει [ἢ ψυχῇ] (1139 b 12 ss) [ou seja: como modalidades segundo as quais cada uma dessas melhor alcança a verdade, ao afirmar e ao negar] em correspondência ao cujo caráter de realização puro a alma ‘na maioria dos casos’ dá originariamente custódia o ente em cada caso dado preliminarmente enquanto *não-oculto*.¹²

Particularmente importante é a compreensão do νοῦς, que sempre foi considerada por Aristóteles como faculdade ligada à definição linguística. Entre os cinco “estados

¹¹ Cf. F. VOLPI, *La selvaggia chiarezza. Scritti su Heidegger*. Milano: Adelphi, 2011.

¹² M. HEIDEGGER, *Natorp-Bericht*, In: *Phänomenologische Interpretationen ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik*, Frühe Freiburger Vorlesung [Sommersemester 1922] [GA 62], 376-377.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

habituais (ἔξεις) através dos quais a alma alcança o verdadeiro, a única forma de ἀληθεύειν que possui autenticamente as ἀρχαί é o νοῦς, o qual vem a ser uma forma de inteligir sem discurso. No exame dessas ἔξεις, Aristóteles se servirá como fio condutor de duas questões¹³: a primeira se ocupará de desocultar o modo de apresentar-se dos entes, que têm por objeto as diversas modalidades de ἀληθεύειν; a segunda possui como tarefa trazer à presença a ἀρχή de cada ente, o que corresponde exatamente, na concepção fenomenológica de Heidegger, à possibilidade de encontrar o *ser* de cada ente.

O ἀληθεύειν específico do ser-aí humano, que “tem o seu presente no agora” (*hat seine Gegenwart im Jetzt*) e “se perde no aspecto” (*in das Aussehen*) que o mundo oferece¹⁴, reside fundamentalmente na φρόνησις. O ser-aí cotidiano lida sempre com seu mundo fático, ou seja, ocupa-se com o ente que pode ser diversamente, esfera da τέχνη e da φρόνησις. Em razão de seu ser temporal, o ser-aí humano não é capaz de “permanecer” constantemente no *ente que sempre é*, ou seja, no αἰεί; por isso, o νοῦς do homem não é o verdadeiro νοῦς: o puro e simples desocultar deve abrir um espaço para o λέγειν no sentido preciso de “chamar em causa algo *enquanto* algo (*Ansprechen von etwas als etwas*)”: um λόγος, que apreende a coisa mediatamente através do “enquanto”, cria possibilidade da ilusão.¹⁵

Por que o *desocultar* específico do ser-aí humano reside na φρόνησις? Porque a função do νοῦς aristotélico é assaz peculiar em termos de cognição direta da coisa mesma. Ele é definido como “o ἀληθεύειν ἄνευ λόγου (o *desocultar sem discurso*)” e atua estruturalmente na virtude da φρόνησις enquanto circunspeção, visão onisciente da situação particular, ou seja, no “ver-se ao redor solícito”. Visualizando o νοῦς em seu caráter puramente intencional, Heidegger interpretará esse νοῦς como um “puro

¹³ C. LO CASTO, *L'essere come dynamis. Heidegger interprete del Sofista di Platone attraverso Aristotele*. Pisa: ETS, 2019, 68-79.

¹⁴ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 98.

¹⁵ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 183.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

perceber”, uma faculdade pré-linguística, ou seja, fora da estrutura predicativa do *afirmar* ou *negar*.

Assim procedendo, Heidegger não somente subtrai a exegese aristotélica dos critérios interpretativos dos paradigmas hermenêuticos de realismo e idealismo, mas também exclui da concepção metafísica presente no mundo grego qualquer forma de separação entre mente e mundo, linguagem e realidade pré-linguística, graças à influência da fenomenologia de Edmund Husserl que considera sujeito cognoscente e objeto conhecido como co-originários.

O “desocultar sem discurso” é interpretado à luz da intuição categorial de Husserl, descoberta fenomenológica declinada na *Sexta Investigação Lógica* (§§ 40-70).¹⁶ Em relação à expressão, μετὰ λόγου, o μετὰ, sendo colocado em relação ao μέσον no sentido de centro, expressa a importância da função do λέγειν na medida em que é uma atividade essencial que possibilita ao homem comunicar a verdade para o exterior¹⁷, na modalidade da coexistência política. Só há conhecimento no λέγειν através ou não da voz enquanto todo comportamento (ἦθος), tendo como fim a atividade desecoltante, se realiza através da *palavra*. Desse modo, no caso da alma humana, o fenômeno do νοεῖν só se dá quando veiculado pelo λόγος, tornando-se não um “puro e simples ver”, mas um διανοεῖν, um pensamento mediado pelo λόγος.¹⁸

Aristóteles introduziu uma importante distinção no Livro I, capítulo 13 da *Ética a Nicômaco*: distinção entre as virtudes *éticas* (= virtudes da alma desejante ou do caráter) e *dianoéticas* (= virtudes da alma propriamente racional, do pensamento), retomada no Livro VI quando se debruçará sobre as virtudes dianoéticas. Este procedimento pressupõe a dissociação da “virtude” (ἀρετή) do campo semântico ao qual estava ligada,

¹⁶ A propósito, ver minha obra *A fenomenologia hermenêutica da vida fática de Martin Heidegger (1919-1923)*, 250-252.

¹⁷ Cf. C. LO CASTO, *L'essere come dynamis. Heidegger interprete del Sofista di Platone attraverso Aristotele*, 68-69.

¹⁸ Cf. M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 58-59.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

de competência física seja guerreira, seja atlética: “Estamos chamando de virtude humana não a do corpo, e sim a da alma” (1102 a 15-17).

Heidegger, por sua vez, comenta os dois tipos fundamentais do λόγον ἔχον na primeira parte de sua preleção marburguense intitulada “Platão: o Sofista” (WW 1924/1925), § 5:

1º) Ο ἐπιστημονικόν: aquele que pode contribuir para desenvolver o *saber* (*Wissen*); aquele λόγος que serve de auxílio ao desenvolvimento do saber. Trata-se, portanto, da parte “científica”: esta parte racional é “aquela com a qual contemplamos os entes cujos princípios não podem ser diversamente”. De um lado, segundo a divisão aristotélica com base no princípio de que existem verdades necessárias e verdades contingentes ou possíveis, no interior desta parte racional da alma estão a ἐπιστήμη e a σοφία: ainda que sob perspectivas diferentes, tais virtudes se referem a realidades necessárias, ou seja, aos entes que não podem ser diversamente.

2º) Ο λογιστικόν: aquilo que pode contribuir para desenvolver o βουλευέσθαι, o considerar com circunspeção, o *deliberar*; aquele λόγος que serve de auxílio ao desenvolvimento da deliberação (*Überlegung*). Trata-se, desse modo, da parte “calculadora”. Em outras palavras: essa parte racional é “aquela com a qual consideramos as realidades contingentes”. Heidegger compreende essa “parte racional da alma” como dotada de capacidade expressiva, de linguagem. De outro lado, segundo a mesma divisão já declinada, τέχνη e φρόνησις possuem como ponto de referência realidades que podem ser diferentes de como são: “Disso que pode ser diversamente fazem parte seja o que se produz, seja o conteúdo das ações, mas produção e ação são coisas diversas” (*Ética a Nicómaco* VI, 1140 a 1-5).

Diferentemente de Aristóteles, que privilegiará a σοφία no horizonte da οὐσία, Heidegger se voltará de modo particular para a φρόνησις, âmbito da contingência das situações humanas concretamente vividas e, portanto, aquilo que admite outro modo de ser. Na φρόνησις aristotélica, Heidegger descortinará o chamado *Augenblick*, o instante, o momento indivisível, a situação única de executar e viver. A φρόνησις,



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

compreendida fenomenologicamente, traz em si mesma os tipos de intencionalidade que em *Ser e Tempo* são referidos como *circunspeção* (*Umsicht*): de um lado, a consciência moral (*Gewissen*) e, de outro lado, a *resolução* (*Entschlossenheit*) como a mais própria execução da φρόνησις.¹⁹

Em sua leitura introdutória do Livro VI da *Ética a Nicômaco* (1139 b 15-18), Heidegger desenvolve sua concepção própria do *alpha*-privativo de ἀ-λήθεια enquanto negação específica; uma negação que implica, e até mesmo *exige*, a *possibilidade* daquilo que é negado. A propósito, afirma Heidegger: “esta expressão negativa [ἀ-λήθεια] evidencia como os Gregos eram de opinião que aquilo que é descoberto [não ser mais encoberto] deve ser *conquistado-alcançado* [*errungen*], que isso não é algo disponível na maior parte dos casos”.²⁰

Há uma dupla forma de encobrimento: de um lado, o que está encoberto enquanto ainda não conhecido; de outro lado, o que está novamente encoberto através de falsas opiniões: “assim o *Dasein* quotidiano se move em um duplo encobrimento: antes de tudo, na mera falta de conhecimento, daí, porém, em um encobrimento ainda mais perigoso, na medida em que o que está encoberto torna-se não-verdade através do falatório”. *A-léthés* (*verdadeiro*) é o ente des-coberto, desoculto, *mas* à medida que, *fundamentalmente, em seu ser, pode ser e se encontra precisamente o mais frequentemente* ocultado, encoberto, esquecido.²¹

Nesse sentido, ἀ-λήθεια, enquanto determinação assaz particular do ente em seu ser, não determina, porém, o ente *em si mesmo* e *para ele mesmo*, mas somente em sua relação com a vida fática que vem ao seu encontro, que é apta a reencontrá-lo como verdadeiro no λέγειν que, compreendido em seu sentido originário, torna manifesto algo antes velado: “[...] a vida humana [...] fala, ela interpreta, dito de outro modo, ela

¹⁹ Sobre *Umsicht*, *Gewissen* e *Entschlossenheit*, ver M. HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, § 69. Sobre a φρόνησις, ver minha obra *A fenomenologia hermenêutica da vida fática de Martin Heidegger (1919-1923)*, 496-498.

²⁰ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 16.

²¹ Ver M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 16-17.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

realiza o *alētheuein*”.²² Nesse sentido, Günter Figal destaca com razão a importância decisiva de Aristóteles para Heidegger: “a ‘fenomenologia dos atos de consciência’ remonta a uma atividade que Aristóteles chama de *alētheuein* (desencobrir ou desocultar). A essência da vida humana, ou “Dasein”, como Heidegger resolverá em conexão com Aristóteles, é descobrir ou revelar”.²³

Uma vez feitas essas considerações preliminares sobre a dupla concepção de λόγον ἔχον em Aristóteles, o conteúdo de meu artigo é o seguinte: primeiramente, destaco um aspecto da parte “científica” da alma a propósito da gênese da σοφία; em segundo lugar, enfatizo a importância da distinção entre σοφία e τέχνη em relação à crescente autonomia epistemológica da τέχνη; em terceiro lugar, comento a diferença dos níveis de compreensão entre ἐμπειρία e τέχνη. Por fim, em quarto lugar, pontuo o caráter cada vez mais autônomo do λέγειν no interior do fazer a partir da breve comparação da τέχνη com a ἐπιστήμη.

II. A gênese da σοφία na preleção marburguense *Platão: o Sofista* (WS 1924/1925)

Depois de examinar programaticamente os capítulos iniciais da *Metafísica* I de Aristóteles no *Relatório-Natorp* (1922), Heidegger volta-se novamente para o mesmo texto dois anos mais tarde. Em sua introdução à preleção marburguense de 1924-1925 (GA 19) sobre o *Sofista*, o segundo capítulo trata da gênese da *sophia* no contexto da compreensão ingênua do *Dasein* dos gregos. Esta gênese implica precisamente um estágio prévio (*Vorstufe*)²⁴ à σοφία na medida em que, sendo esta *sophia* o que é mais passível de ser sabido em razão de ser em si *autônoma*, os cinco níveis do saber – αἴσθησις (*sensação*), ἐμπειρία (*experiência*), τέχνη (*técnica*), ἐπιστήμη (*ciência*), σοφία (*sabedoria*)/(φρόνησις) – exibem seja o “mais ou menos” do ser sábio, seja, conseqüentemente, a sabedoria como μάλιστα ἀληθεύειν (o maior desocultar). O fio

²² M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 16.

²³ G. FIGAL, *Fenomenologia - Heidegger depois de Husserl e dos gregos*, 63.

²⁴ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 66.68.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

condutor da investigação é assim declinado no § 10: “o expressar-se do próprio ser-ai”²⁵, e a pergunta sobre a gênese da *sophía* em relação aos níveis do saber é a seguinte: “Qual é o fenômeno mais próximo e mais originário do ser-ai natural que se pode chamar em causa [discursivamente] enquanto um estágio prévio à σοφία?”²⁶

A σοφία deve ser compreendida como um modo de λόγον ἔχειν (ter linguagem), e um desses modos é precisamente aquele λόγος que contribui concomitantemente para a formação do saber, o chamado ἐπιστημονικόν: a parte “científica” da alma que alcança o conhecimento, pela qual compreende algo cuja causa não pode ser diferente: o ἐπιστημονικόν é aquilo ‘com o que dirigimos o olhar ao ente, junto ao qual as ἀρχαί [os princípios] não podem se comportar de uma outra maneira’, o ente que tem o caráter do αἰδίων, do ser-sempre”.²⁷

Em segundo lugar, sob este aspecto, o sentido grego do ser, o ente que é o autêntico ser é o mundo, ou seja, o *que é sempre*; por isso, Heidegger interpreta a ontologia grega como uma ontologia do mundo, uma vez que trata da vida como *presença* em um mundo: Heidegger executa, por assim dizer, “uma hermenêutica ‘filológica’ da *psychē* aristotélica analisando a gênese de seu conceito de ser a partir do mundo ou da natureza no sentido amplo”. Daí a estratégia em ato na leitura desses textos antigos de *desocultar* o ser do ser-ai humano voltando a direção do olhar para a facticidade em sua apropriação de Aristóteles: “este método privativo que procede *ex negativo*, das coisas quotidianas em direção às coisas mesmas, do mundo em direção à presença mesma, do ‘discurso do mundo’ em direção ao discurso filosófico, constitui o instrumento fenomenológico da destruição fenomenológica”.²⁸

Em relação às intenções de Heidegger em sua leitura do *Sofista* de Platão, destaca-se, primeiramente, o fato de que a exposição de Aristóteles da *sophia* e da *theōria* surge da

²⁵ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 65.

²⁶ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 66.

²⁷ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 28.

²⁸ Ch. SOMMER, *Heidegger, Aristote, Luther*, 73.74.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

compreensão que o *Dasein* possui de si mesmo. Se Aristóteles parte do modo ordinário pelo qual os homens empregam os termos *sophía* e *sophós*, isso quer dizer certamente que o *Dasein natural* possui uma pré-compreensão de si mesmo enquanto se lança para possibilidades fáticas. Não se trata obviamente de uma *Vorhabe* do ser-aí ingênuo no sentido de uma estrutura de compreensão ontológico-conceitual, mas de uma *prädisponibilität de ser* enquanto ontologia da facticidade. Desse modo, o *Dasein natural* se move cotidianamente nos limites fáticos do “mais” e do “menos” saber.

Nesse sentido, e isso é fundamental na interpretação de Heidegger, a forma comparativa de falar é característica do cotidiano. Tal é o método perseguido por Aristóteles em *Metafísica* I, 2: da tendência para um *saber mais*, como no caso da *técnica*, que é *mais sábia* do que a *experiência*, até chegar ao seu cume na *σοφία* como *μάλιστα ἀληθεύειν* [*máximo desvelar*].²⁹ Em segundo lugar, Heidegger deseja compreender a razão pela qual Aristóteles diz que a sabedoria é a *aretē* da *τέχνη* (*técnica*) (e da *epistēmē*) e como isso repercute na compreensão grega do ser. Esta segunda intenção será desenvolvida na sequência deste artigo.

III. A σοφία é a *aretē* da τέχνη: “o compreender autêntico, σοφία, é a plenitude, *aretē*, *teleiōsis*, do entender de (*Sich-Auskennen*) junto de uma produção”³⁰

Com base nessa paráfrase do texto aristotélico a partir da diferença entre σοφία e τέχνη – diferença exemplificada assim: “nas técnicas, atribuímos sabedoria aos que atingem a mais elevada maestria nas suas competências técnicas, por exemplo, dizemos que Fídias é um sábio escultor e que Policleto é um sábio produtor de estátuas” –, Heidegger sustenta que a origem da σοφία está na *técnica* (τέχνη), e isso significa que o sentido norteador do ser é o da produção e, conseqüentemente, o será compreendido como “presença” (*Gegenwart, Anwesenheit*). Tal é o sentido da expressão *das Sichauskennen*: o entender de, no sentido de estar familiarizado com, o saber manejar-se próprio de uma produção.

²⁹ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 65.

³⁰ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 68.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
 Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
 Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
 Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
 ISSN 1676-5818

A ideia de ser produzido já se encontra na raiz do termo grego τέχνη derivando da raiz indoeuropéia “tek”, τέχνη significa “ajustar o madeiramento de uma casa entrelaçada”³¹, e J. Kübe conclui que “em sua forma original τέχνη significa provavelmente a construção de uma casa que era entrelaçada com troncos e galhos e era erguida pela família ou tribo com um esforço comum”.³² Uma vez que a vida social se tornou mais organizada, a necessidade de construções especializadas aumentou. Como a divisão do trabalho progrediu, o labor de construir casas não foi deixado por muito tempo a cargo das famílias. Isto veio a ser competência de um indivíduo especializado: o *tekton*, o “marceneiro”.

Em seu significado pré-homérico, τέχνη diz respeito ao conhecimento ou habilidade do *tekton*, aquele que *produz* alguma coisa a partir da madeira. É assim que o termo τέχνη em grego designará, posteriormente, todas as profissões práticas baseadas em determinados conhecimentos especializados, e as atividades práticas derivadas de tais profissões não corresponderão, portanto, a mera rotina, mas se fundamentarão em regras gerais e conhecimentos sólidos. Nesse sentido, no conceito grego de τέχνη está presente uma atividade profissional arraigada em um *saber especializado*. Nesse aspecto reside a diferença entre o termo grego τέχνη e o sentido moderno da palavra “arte”.

O modelo para a interpretação do ser do ente como produção em Aristóteles já é declinado anteriormente por Heidegger no *Relatório-Natorp*: “O campo de objetos que fornece o sentido originário do ser é o dos objetos *produzidos*, usados na prática [literalmente: ‘tratável no uso’]”.³³ Diferentemente, porém, desta concepção de Aristóteles, em que o movimento é sempre endereçado para um fim e compreendido a partir desse *telos* –, como, por exemplo, uma casa ou uma estátua, que são o resultado do projeto inicial de um arquiteto ou de um escultor –, em Heidegger todo

³¹ D. ROOCHNIK, *Of Art and Wisdom. Plato's Understanding of Techne*. Pennsylvania: University Park, 1996, 19.

³² J. KÜBE, *Tecné und aretē. Sophistisches und platonisches Tugendwissen*. Berlin: De Gruyter, 1969, 13.

³³ M. HEIDEGGER, *Natorp-Bericht*, 373.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

comportamento do ser-aí não concerne só à realização na direção de um fim já conhecido precedentemente e que chegou à perfeição, mas também deixa sempre aberta a distância para o que está aí defronte em sua indeterminada possibilidade. O ser-aí humano está para além de um agora puramente presente ou de auto-apreensão, auto-identidade e autoco incidência.

Compreende-se assim o sentido de hermenêutica para Heidegger, que está em oposição a uma ontologia do mundo da *presença constante*: “hermenêutica é anúncio do ser de um ente em seu ser em relação a... (mim)”.³⁴ A hermenêutica do próprio ser-aí cotidiano nada mais é do que explicitar o fenômeno central do existir humano, a saber: o *Aussein auf etwas*, “estar dirigido para algo”, “estar em busca de algo”, isto é, estar “a caminho de si mesmo”, sempre para além do presente estável e constante. Tal é a questionabilidade fundamental e o modo de ser da hermenêutica para Heidegger em 1923: “O ser-aí [...] é somente enquanto *está a caminho* (*Unterwegs*) de seu si mesmo para si!”³⁵ no sentido preciso de que, em qualquer situação dada, possui possibilidades ou potencialidades não realizadas. A explicitação da mobilidade do estar-a-caminho-em-vista-de-mesmo do ser-aí humano constitui a tarefa essencial da hermenêutica fenomenológica do jovem Heidegger.

Mas, retornemos à preleção marburguense *Platão: O Sofista* de 1924-1925 (GA 19) para compreender a *autonomia* da sabedoria com base nos *níveis diversos de compreensão* presentes no ser-aí natural. No *primeiro nível* deparamos com as *sensações comuns* (κοινὰ αἰσθήσεις) que possibilitam a orientação sobre o mundo que cada um tem. Em seguida, o *segundo nível* declinado é a *experiência* (ἐμπειρία), ou seja, “o ser propriamente experiente em uma determinada atividade manual”.³⁶ O *terceiro nível* é o da *técnica* ou o artesão que trabalha com as mãos. O *quarto nível* é do *mestre de obras* (ἀρχιτέκτων), isto é, daquele que projeta um plano e reflete sobre o *ei\do*”, ainda que sua tarefa seja

³⁴ M. HEIDEGGER, *Ontologie. (Hermeneutik der Faktizität)* [SS 1923] (GA 63), 10.

³⁵ M. HEIDEGGER, *Ontologie. (Hermeneutik der Faktizität)* [SS 1923] (GA 63), 17. Tradução modificada.

³⁶ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 67.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

fundamentalmente *poiēsis* (produção) na medida em que tem como objetivo a produção da casa. Aqui o εἶδος está ainda atrelado ao ocupar-se com a casa a ser construída e, portanto, não constitui um conhecimento independente no sentido da teoria, como será o caso da próxima etapa. No *quinto nível* encontramos, por fim, o simples θεωρεῖν, o *contemplar puro*, sem qualquer consideração do que é útil. Ainda que Heidegger se debruce detalhadamente sobre os dois primeiros níveis, destacarei, porém, a interpretação da τέχνη e, particularmente, a diferença estabelecida com relação à experiência e à ciência. Trata-se do “nexo de remissão” da *experiência* com seu caráter temporal quando comparado com as “modificações do nexo de remissão” da *técnica*.³⁷ Portanto, Heidegger concebe os níveis de conhecimento a partir de sua gênese fenomênica, tal como se dão no cotidiano do ser-aí humano, e não com base em uma classificação hierárquica e linear das várias formas do conhecimento humano (*sensação, memória, experiência, técnica e ciência*), como o faz Aristóteles no limiar de sua *Metafísica* (I, capítulos 1-2).

Antes de tudo, observemos o ponto de partida de aproximação com a categoria fenomenológica *Zusammenhang* (*nexo, coesão*) associada ao substantivo *Verweisung* (*remissão*: enquanto “aquilo que remete a”, “que chama atenção sobre”). Os dois níveis são examinados como fenômenos quanto à conexão de remissão do ser-aí em seu mundo do entorno e, portanto, não há uma preocupação epistemológica com a essência da *experiência* e da *técnica*. A partir dessa aproximação fenomenológica, esses níveis de compreensão do ser-aí no mundo do entorno nunca se dão isoladamente, mas se exibem sempre como remissões interconectadas, como coesão de uma totalidade de remissões.

O uso da expressão *Verweisung* aparece, por exemplo, na preleção do semestre de verão de 1923, *Ontologia (Hermenêutica da facticidade)*³⁸: “as remissões dão o mundo como aquilo

³⁷ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 71-78.

³⁸ Cf. minha análise em *A fenomenologia hermenêutica da vida fática de Martin Heidegger (1919-1923)*. São Paulo: Editora LiberArs, 2023, 520-523.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
 Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
 Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
 Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
 ISSN 1676-5818

que é ocupado (*das Bersorgte*) [...]”³⁹; “cuidar é ser-no-mundo e não deve ser interpretado como um ato que suceda na consciência”⁴⁰, mas “a conexão mesma de remissões é aquilo que é ocupado. Esse ir de um lado para o outro segundo a conexão de remissões caracteriza o *cuidado como lidar-com*”.⁴¹ Posteriormente, *Verweisung* será empregado sempre em sentido técnico como, por exemplo, na *exposição positiva da estrutura básica a mundanidade do mundo*, § 23 da parte principal da preleção marburguense do semestre de verão de 1925 intitulada “Prolegômenos à história do conceito de tempo” (GA 20)⁴²: o “caráter de encontro do mundo” se mostra na doação pré-teórica do mundo do entorno⁴³ enquanto uma “totalidade de remissões” através das quais se distingue ao mesmo tempo uma *familiaridade* específica, ou seja, as relações de remissão são conhecidas. Por exemplo, “o ocupar-se cotidiano, seja um utilizar algo, seja um manejar algo, atende constantemente a essas relações”.⁴⁴

IV. Experiência e técnica: a natureza de suas conexões de remissão

Heidegger relaciona os segundo e terceiro níveis de compreensão. Quanto ao *segundo nível*⁴⁵ (ἐμπειρία), Heidegger julga que a *experiência* se caracteriza pelo “*manter presente uma determinada conexão de acontecimentos na mesma coisa*”, ao menos segundo seu caráter temporal: “o experimentado tem ὑπόληψις, um ‘conhecimento antecipado’ sobre uma determinada conexão com a qual tem que fazer”⁴⁶. A partir do exemplo oriundo da medicina, a estrutura conectada exibida na *experiência* é do seguinte tipo: *assim que se*

³⁹ M. HEIDEGGER, *Ontologie. (Hermeneutik der Faktizität)* [Sommersemester 1923] (GA 63), 85-86.

⁴⁰ M. HEIDEGGER, *Ontologie. (Hermeneutik der Faktizität)* [Sommersemester 1923] (GA 63), 102.

⁴¹ M. HEIDEGGER, *Ontologie. (Hermeneutik der Faktizität)* [Sommersemester 1923] (GA 63), 101.

⁴² Cf. M. HEIDEGGER, *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffs* [SS 1925] (GA 20), 251-292.

⁴³ Sobre esta doação pré-teórica da *Umwelt* na preleção “A ideia da filosofia e problema da visão de mundo” (GA 56/57), ver minha análise em *A fenomenologia hermenêutica da vida fática de Martin Heidegger (1919-1923)*, 205-217.

⁴⁴ M. HEIDEGGER, *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffs* [SS 1925] (GA 20), 253.

⁴⁵ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 71-76.

⁴⁶ M. HEIDEGGER, *Die Grundbegriffe der antiken Philosophie* [Sommersemester 1926] (GA 22), 210 (transcrição de Hermann Mörchén).



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

verifica este ou aquele estado de saúde (*o que [was] é o estado*), *então* deve ser utilizado este ou aquele remédio (*o como [wie] o estado pode ser afastado*). Heidegger utiliza a seguinte conjunção: “*sobald das – dann das*”, isto é, *no momento em que se dá isso... então*, isso. Da *experiência* pode desenvolver-se a *técnica*.

Com o *terceiro nível* na *técnica* há modificações dessa estrutura conectada: não mais *assim que – então*, mas um “*se isto - então isso*, um *se – então* (*Wenn das – dann, zum Wenn - so*), isto é, a “*técnica não significa encontrar o que é justo caso por caso, mas saber de antemão*, por toda parte onde se apresentam experiências que têm ‘um só e mesmo aspecto’”, e, portanto, a compreensão do *porquê*: “*conexão do ‘se isto... então aquilo’*”.⁴⁷ Nesse sentido, modifica-se tal conexão à medida que a experiência se solidifica: de um lado na conexão “*sempre então isso – assim que isso*” (*Immer dann das – sobald das*); de outro lado, na repetição, se transforma no “*se... assim*” (*Wenn - so*).

Portanto, destaca-se, não mais o caráter temporal, mas a conexão *quiditativa* enquanto tal, ou seja, o *Was*, doravante evidenciado em seu *eidos*: “a coisa é compreendida na ótica de um aspecto que perdura e retorna constantemente. Com isso, modifica-se o que na ἐμπειρία é dado em uma compreensão totalmente provisória”⁴⁸, ou seja, “*obtem-se uma compreensão que é independente em um sentido superior da dadidade contingente*” e, nesse sentido, “*é capaz de indicar a todo momento o ente no seu ser- assim (so-sein) e de explicar por qual razão [τὸ διότι] é assim*”.⁴⁹ É preciso ainda observar que no *se* (característico na estrutura da técnica: *Wenn das – dann*) jaz um certo *porque* (*Weil*) a partir da estrutura: *Weil – deshalb* (*porque - então*). Por quê? Porque na conexão *porque - então* descoberto na técnica “*é já prefigurada a conexão de fundamento e consequência*”.

Como Heidegger explicita na sequência, “aquilo que na conexão de remissão é de início αἴτιον, *culpa de algo, motivo para algo*, torna-se mais e mais ἀρχή. O ‘por que’ (*Warum*)

⁴⁷ M. HEIDEGGER, *Die Grundbegriffe der antiken Philosophie* [Sommersemester 1926] (GA 22), 26.

⁴⁸ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 74-75.

⁴⁹ M. HEIDEGGER, *Die Grundbegriffe der antiken Philosophie* [Sommersemester 1926] (GA 22), 26.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

não conduz mais o fazer, mas unicamente o que descobre o ente”. Portanto, o que é a cada vez descoberto e compreendido é, na estrutura do ente, o nexos de proveniência, ou seja, a conexão que o vincula à sua origem, e, portanto, o ente como tal. Sendo assim, o *mais sábio* consiste na tendência a um puro observar que descobre o ente quanto ao seu *princípio*: “assim, é dado na τέχνη o pré-delineamento para a σοφία”.⁵⁰ Como já se demonstrou na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, enquanto trato com as realizações práticas, não se pode negar que a experiência possa estar à frente da técnica, precisamente pelo fato de que esta última se norteia pelo geral, καθόλου, ao passo que a experiência de volta para o individual, para cada caso singular (περὶ ἑκάστων).⁵¹

V. Técnica e ciência: a tendência de “mais saber” (μᾶλλον ἐπιστήμη) com relação à experiência e o caráter cada vez mais autônomo do λέγειν no interior do fazer

No último ponto de meu artigo, examino brevemente as relações entre τέχνη e ἐπιστήμη no tocante à crescente autonomia do λέγειν no exercício da τέχνη. Nesse sentido, no § 13 do capítulo segundo da preleção marburguense de 1924/1925 (GA 19), Heidegger retoma a gênese da virtude dianoética σοφία ao analisar os níveis de compreensão de “mais e menos” saber entre τέχνη e ἐπιστήμη.⁵² De um modo geral, o que acontece na técnica com seu λόγος ainda não é objeto de contemplação pura, uma vez que a αἰτία ou o καθόλου são destacados somente como εἶδος, sem que este aspecto se constitua tema de uma reflexão autônoma.

Por quê? Porque “o saber da αἰτία está de início somente na conexão do fazer, ou seja, a αἰτία está de início presente somente enquanto ‘porque-então’ (Weil-deshalb) do proceder-assim-e-assim. O εἶδος está de início *somente na τέχνη mesma*”.⁵³ Como Aristóteles considera que o possuidor da técnica é *mais sábio do que aquele* (isto é, *mais*

⁵⁰ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 76-77.

⁵¹ Cf. M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 73-74.

⁵² M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 91-94.

⁵³ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 91.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

ciência: μάλλον ἐπιστήμη) que tem apenas a experiência, conclui-se naturalmente tal atribuição deve-se ao fato de que o τεχνίτης pode *ver* já o aspecto das coisas, seu εἶδος: “os arquitetos sabem as causas daquilo que é produzido”.⁵⁴ Daí a afirmação pontual de Heidegger: “o novo fenômeno que oferece a possibilidade de chamar em causa [discursivamente] a τέχνη ante a ἐμπειρία enquanto σοφώτερα [mais sábia] está na direção do *ver*, não da execução. Esta permanece inalterada”.⁵⁵

Nesse sentido, “o compreender não supera a experiência nem na realização nem na execução, mas, sim, na *visão* (*Sehen*)”.⁵⁶ Daí também a afirmação de Aristóteles: “não se considera que aqueles [os que possuem a técnica] são mais sábios por sua capacidade prática, mas porque possuem a teoria e conhecem as causas”.⁵⁷ Interpretando o texto aristotélico da *Metafísica*, Heidegger conclui que na τέχνη, ainda que permaneçamos no interior do fazer produtivo, o seu λέγειν “se torna *cada vez mais autônomo*”.⁵⁸

Em outras palavras: o caminho da τέχνη se mostra na tendência de constituir-se em uma ἐπιστήμη autônoma. Além disso, Aristóteles deixa até mesmo entrever que a técnica é caracterizada como ciência, ou seja, há uma identificação entre esses saberes:

Die τέχνη wird also, weil sie den λόγος hat und Aufschluß über das Seiende in seiner Herkunft geben kann, dafür gehalten, μάλλον ἐπιστήμη zu sein als die ἐμπειρία. So rückt innerhalb der γένεσις der σοφία die τέχνη mit der ἐπιστήμη zusammen; sie wird geradezu als ἐπιστήμη bezeichnet.

A τέχνη, portanto, porque possui o λόγος e pode dar uma explicação acerca do ente em sua proveniência, é considerada como μάλλον ἐπιστήμη do que a ἐμπειρία. Assim, no

⁵⁴ ARISTÓTELES, *Metafísica* I, 981b 1ss.

⁵⁵ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 75.

⁵⁶ C. SEGURA PERAITA, *Hermenéutica de la vida humana. En torno al Informe Natorp de Martin Heidegger*, 120.

⁵⁷ ARISTÓTELES, *Metafísica* I, 981b 5-6.

⁵⁸ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 91.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

interior da γένεσις da σοφία, a τέχνη e a ἐπιστήμη se aproximam; ela é verdadeiramente designada enquanto ἐπιστήμη.⁵⁹

Ora, a quase identificação desses saberes diz respeito ao uso cotidiano: “o primeiro significado, através do a qual ἐπιστήμη quer dizer o mesmo que τέχνη é o significado cotidiano. No uso cotidiano, o conceito de ἐπιστήμη assume uma *posição intermediária peculiar*”.⁶⁰ Em seguida, em duas ocasiões, Heidegger reitera que na técnica reside a tendência de libertar-se do manuseio ou da produção para constituir-se por si mesma uma ciência autônoma, e tal tendência jaz no próprio *Dasein*. Esta última afirmação é confirmada pelo próprio Aristóteles quando diz que um técnico *des-cobre* (*ent-deckel*) algo, superando as sensações comuns, é admirado. Tal “descobrir é ir além das possibilidades mais próximas, que o *Dasein* tem”.⁶¹

Portanto, quem *des-cobre* é mais sábio, não porque aquilo que ele descobre seria de grande utilidade. Na tendência para o *des-cobrir* o técnico é *mais sábio* abstraindo-se de toda utilidade que tenha ou não sua descoberta. Daí a importância do *ócio* como condição de possibilidade para visualizar o *manter-se junto a* enquanto comportamento descobridor: “Se, portanto, precisamente é dada no ser-aí uma tendência para o descobrir, então o só-descobrir autônomo se torna propriamente possível lá onde o ser-aí é livre da dependência com relação ao ocupar-se com a ἀναγκαία [necessidade]”.⁶²

Conclusão

Com base nas análises anteriores está claro que Heidegger defende a concepção segundo a qual a σοφία é uma tendência originária do *Dasein*, que se executa através do caminho que vai da relação produtiva ao contemplar puro. A tendência para esta *theōria* é designada como *tendência para o ruir*, isto é, para um decair que se afasta da relação

⁵⁹ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 92.

⁶⁰ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 92.

⁶¹ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 93.

⁶² M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 94.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

prática com as coisas das quais nos ocupamos cotidianamente em nosso mundo do entorno. A diferença entre Aristóteles e Heidegger reside precisamente nisso: enquanto Aristóteles descreve a simultaneidade dos fenômenos da *poiēsis* e da *theōria* –, mesmo reconhecendo uma prioridade temporal no que diz respeito às ciências produtivas⁶³ –, para Heidegger não somente é determinante o sentido de ambas se enraizarem na facticidade, mas sobretudo o fato de que a σοφία, enquanto tendência para o *contemplan* *puro*, seja uma forma *derivada*, arraigada na facticidade do *Dasein* e, portanto, com base em uma prioridade ontológica.

Em que pesem esta e outras diferenças a partir de uma leitura exegética dos textos aristotélicos, para compreender a novidade da ontologização dos conceitos da filosofia prática de Aristóteles nas apropriações de Heidegger, é preciso atentar para o caráter “fenomenológico” da aproximação: nas pesquisas particulares de Aristóteles, Heidegger vê “ontologias regionais” em que tematiza a estrutura de ser específica do ente respectivamente considerado. Assim, por exemplo, na *Ética a Nicômaco*, Livro VI, e na *Metafísica* Livro I, capítulos 1-2, são examinadas as modalidades fundamentais do orientar-se do homem em seu mundo (θεωρία, ποίησις, πράξις) e os correspondentes “saberes” (σοφία, τέχνη, φρόνησις).

Este processo de ontologização da vida ou de uma fundação *a priori* da biologia já transparece na interpretação do princípio do movimento em Aristóteles, não como a percepção puramente que observa, mas como a percepção que apreende algo de apetecível, ou seja, de interessante para a ὄρεξις, o *appetitus*, com sua dinâmica do perseguir e do fugir: nesse sentido, os fenômenos do “mover-se” (κινεῖν), *na direção de algo* no mundo a cada vez dado, e do “destacar” (κρίνειν) algo em relação a outro (diferenciar)⁶⁴ constituem a vida.

⁶³ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica* I, 2, 982b, 22-24: “quando já existiam quase todas as coisas necessárias e também aquelas relativas ao descanso e ao bem-estar, então começou a buscar-se esta forma de conhecimento”.

⁶⁴ Cf. ARISTÓTELES, *De anima* G 2, 426 b 10.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
 Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
 Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
 Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
 ISSN 1676-5818

Ao traduzir interpretativamente a abertura da *Metafísica* (A, 1, 980 a 21-27) de Aristóteles na preleção *Interpretações fenomenológicas de tratados escolhidos de Aristóteles sobre lógica e ontologia* (1922), Heidegger afirma: “o desejo de viver no ver [no absorver-se no que é visível] é algo, que faz parte do *ser-come* [modo de ser jornalístico (de ser)] *do homem*. Este *ser-come* do homem se expressa no fato de que ele (de modo preferencial) gosta de viver de uma maneira que sempre faz algo novo e conhece outros”.⁶⁵ Este *ser-come* do homem, enquanto ver-gostar de, está enraizado de tal modo no homem que tais modalidades de conhecer estão livres do desempenho da realização e do cumprimento de tendências de ocupação [da esfera dada de desempenho].

Nesse sentido, o sentido do “saber” aqui em Aristóteles é interpretado na direção das múltiplas maneiras do “ver” (*Sehen*) - isto é, como apreender no sentido mais amplo -, do estar absorvido naquilo que pode ser visto, do olhar para algo, do olhar em volta, do olhar para frente e para trás. Esse “ver”, com o destaque da percepção sensível, “tem a preferência da abertura *primária* do mundo, de tal modo que o visto pode ser discutido e executado de modo mais detalhado no *lógos*”.⁶⁶ A ênfase desse “ver” está presente igualmente na paráfrase de Heidegger ao texto inicial da *Metafísica* de Aristóteles (“Todos os homens tendem [*ὁρέγονται*] por natureza ao saber”)⁶⁷: “no ser do homem (*Im Sein des Menschen*) está essencialmente a cura (*Sorge*) do ver”.⁶⁸

Aludindo ao caráter apetitivo, como já tratado através da *concupiscência dos olhos* em Agostinho a propósito da “simples *vontade de ver*” (a curiosidade nua *enquanto* sentido dominante), para Heidegger a atitude teórica se enraíza na experiência “natural” e procede de uma fixação do desejo sobre o mundo que se torna assim o fim do deleite.⁶⁹ O que está em jogo nos três primeiros níveis do “saber” (*sensação-experiência-técnica*) em

⁶⁵ M. HEIDEGGER, *Phänomenologische Interpretationen ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik* [Sommersemester 1922] [GA 62], 17.

⁶⁶ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 70.

⁶⁷ ARISTÓTELES, *Metafísica* I 1, 980 a, 21.

⁶⁸ M. HEIDEGGER, *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffs* [SS 1925] (GA 20), 380.

⁶⁹ Cf. M. HEIDEGGER, *Augustinus und der Neuplatonismus* (SS 1921), In: *Phänomenologie des religiösen Lebens* (GA 60), 224.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Metafísica A 1, é o “ser-orientado do ser-aí, o ser-descoberto, e o ser-visível”.⁷⁰ É possível associar essas modalidades de “ver” a alguma relação produtiva (*poiēsis*) como *estágio prévio* à contemplação pura (*σοφία*), como pretende Heidegger em sua interpretação sobre o caráter derivado da *theōria*? Somente com base no âmbito das relações originárias de coesão entre o *produzir* (*τέχνη*) bens de um certo tipo (a construção de uma casa, por exemplo) e a *ciência* (*ἐπιστήμη*) que alcança a verdade por meio de elaborações de raciocínios é possível vislumbrar a tese heideggeriana. Quais são os *princípios* dessas duas virtudes dianoéticas enquanto níveis cada vez mais específicos do *apreender* (*Vernehmen*) em geral?

De um lado, em relação à *τέχνη*, por exemplo, “quando o mestre de obras edifica uma casa, ele vive e se move antes de tudo no *εἶδος* da casa, no como da sua e-vidência”⁷¹, e este ser relativo à produção (*ποιούμενον*), “enquanto circunspecção que ilumina *este* trato” se dá em sua plena significatividade mundano-ambiental: este sentido de ser da casa “tem sua proveniência do mundo do entorno originariamente dado”, integralmente experienciado⁷², sua cont-tingência (*Mithaftigkeit*) é vista. Não há produção possível sem que haja um exemplar que sirva de modelo que se deve realizar em vista da edificação da casa. De outro lado, no que diz respeito à *σοφία*, trata-se das conexões causais, cuja essência evoca precisamente o *εἶδος* formal como *ἀρχή* da teoria. Daí a observação: “a inexcusável presença do *eidos* na técnica é a razão de que já nela se encontre a tendência a libertar-se da produção e a fazer-se autônoma.

O *eidos* opera, portanto, como elemento vinculante essencial entre produção e contemplação”.⁷³ Desse modo, Heidegger declina o *ser* do *dito* no *λέγειν* da *τέχνη* como *princípio* já disponível:

⁷⁰ M. HEIDEGGER, *Platon: “Sophistes”* (Wintersemester 1924-1925) (GA 19), 69.

⁷¹ M. HEIDEGGER, *Grundbegriffe der aristotelischen Philosophie* [Sommersemester 1924] (GA 18), 35.

⁷² M. HEIDEGGER, *Natorp-Bericht*, In: *Phänomenologische Interpretationen ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik* [Sommersemester 1922] [GA 62], 398-399.

⁷³ C. SEGURA PERAITA, *Hermeneutica de la vida humana. En torno al Informe Natorp de Martin Heidegger*, 130.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
 Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
 Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
 Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
 ISSN 1676-5818

Sofern ein Gegenstandsfeld als solches in der Aufgabe steht, explizit zugänglich zu werden, und das nicht nur etwa im theoretischen Bestimmen, muß im vorhin ein als unverhülltes verfügbar sein das >Vonwoaus < (ἀρχή) des λέγειν. Von der ἀρχή nimmt es, darauf hinblickend, seinen Ausgang, so zwar daß es diesen Ausgang als ständige Grundorientierung >im Auge< behält.

À medida que se coloca enquanto tal a tarefa de tornar explicitamente acessível um campo de objeto, e isso não somente no determinar teórico, desde o início deve estar disponível enquanto não-velado o ‘a-partir-de-onde’ (ἀρχή) do λέγειν. A partir da ἀρχή este toma, olhando para esse, o seu ponto de partida de tal modo que mantenha este ponto de partida no ‘olho’ como orientação fundamental constante.⁷⁴

Os princípios de ambas as virtudes dianoéticas tanto da τέχνη quanto da σοφία são, portanto, *originariamente* evidentes, precisamente porque já foram apreendidos pelo νοῦς: trata-se de compreender, mantendo no olhar, o ponto de partida como intencionalidade. Ambas as virtudes dianoéticas alcançam a verdade com base em um tipo de “ver”, cada vez mais específico do ponto de apreensão cognitiva, exatamente como Aristóteles descreve e distingue os distintos graus do saber humano no limiar da *Metafísica* I. Aliás, todas as virtudes relacionadas à parte pensante da alma (isto é, dependentes do νοῦς) se distinguem por um tipo de “ver”. Do contrário, não haveria justificação de chamá-las de “virtudes dianoéticas”.

Enfim, como compreender a estrutura do compreender puro (νοῦς) *somente* “com base em seu enraizamento essencial na vida fática e na modalidade da sua *gênese nesta*”⁷⁵? É justamente na gênese da σοφία com base na estrutura da vida fática, a partir de seu caráter temporal da experiência nos primeiros dois capítulos da *Metafísica* I de Aristóteles, que se torna possível descortinar a “transformação que conduz da relação temporal à condicional, desta à formal-eidética e, por último, à causal, condição imediata

⁷⁴ M. HEIDEGGER, *Natorp-Bericht*, In: *Phänomenologische Interpretationen ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik* [Sommersemester 1922] [GA 62], 382.

⁷⁵ M. HEIDEGGER, *Natorp-Bericht*, In: *Phänomenologische Interpretationen ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik* [Sommersemester 1922] [GA 62], 387.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
 Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
 Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
 Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
 ISSN 1676-5818

da contemplação e assim da preeminência do presente e da presença como sentido norteador do ser”⁷⁶, que é originariamente *ser-produzido*:

Dieses Seiende ist in dem, was es ist, originär nur da für den herstellen den Umgang, schon nicht mehr in dem es gebrauchenden, sofern dieser den fertigen Gegenstand in verschiedene nicht mehr ursprüngliche Sorgenshinsichten nehmen kann.

Este ente, nisso o que é, está originariamente somente para o trato que o produz e já não mais naquele que o utiliza, na medida em que este pode tomar o objeto fabricado em diversas perspectivas, não mais originárias, do cuidar.⁷⁷

Bibliografia citada

Preleções acadêmicas de Martin Heidegger

Frühe Freiburg Vorlesungen 1919-1923

GA 60: *Phänomenologie des religiösen Lebens* (GA 60). 1. *Einleitung in die Phänomenologie der Religion* [WS 1920/1921]. 2. *Augustinus und Neuplatonismus* (SS 1921). 3. *Die philosophischen Grundlagen der mittelalterlichen Mystik* (1918/1919). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995 (²2011).

GA 61: *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles. Einführung in die phänomenologische Forschung* [WS 1921/1922] (GA 61). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1985, (²1994).

GA 62: *Phänomenologische Interpretationen ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik*, [Sommersemester 1922] (GA 62). Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main 2005, 1-339.

GA 62: *Natorp-Bericht*, In: *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles. (Anzeige der hermeneutischen Situation)*, *Dilthey-Jahrbuch* 6 (1989), 236-274, In: M. Heidegger, *Phänomenologische Interpretationen ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik*, Frühe Freiburger Vorlesung [Sommersemester 1922] (GA 62), 341-419. Esta é a versão definitiva do texto organizado pelo próprio G. Neumann a partir de uma revisão completa das fontes (os dois textos datilografados, o material de trabalho relativo aos cursos e ao volume sobre Aristóteles da GA 62), uma vez que o *Relatório-Natorp* aparece na seção A do Apêndice III desse volume.

GA 63: *Ontologie. (Hermeneutik der Faktizität)* [SS 1923] (GA 63). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1988, (²2018).

⁷⁶ C. SEGURA PERAITA, *Hermeneutica de la vida humana. En torno al Informe Natorp de Martin Heidegger*, 130.

⁷⁷ M. HEIDEGGER, *Natorp-Bericht*, 398.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
 Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
 Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
 Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
 ISSN 1676-5818

Marburgen Vorlesungen 1923-1928

- GA 17:** *Einführung in die phänomenologische Forschung* (Wintersemester 1923/24). Ed.: Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1994; ²2006.
- GA 18:** *Grundbegriffe der aristotelischen Philosophie* (Sommersemester 1924). Ed.: Mark Michalski. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2002.
- GA 19:** *Platon: Sophistes* (Wintersemester 1924/25). Ed.: Ingeborg Schüßler. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1992 (²2018).
- GA 20:** *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffs* (Sommersemester 1925). Ed.: Petra Jaeger. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1979; (²1988); (³1994).
- GA 22:** *Die Grundbegriffe der antiken Philosophie* (Sommersemester 1926). Ed.: Franz-Karl Blust. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1993; (²2004).

Freiburger Vorlesungen 1928-1944

- GA 49:** *Die Metaphysik des deutschen Idealismus*. (Freiburger Vorlesung I. Trimester 1941/Freiburger Seminar Sommersemester 1941). Ed.: Günter Seubold. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1991.

Obra de Heidegger

- GA 2:** *Sein und Zeit*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977 (²2018) (Hrsg. Friedrich-Wilhelm von Hermann). Traduções brasileiras: *Ser e Tempo*. Trad. de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2006; *Ser e Tempo*. edição em alemão e português. Trad., organização, nota prévia, anexos e notas por Fausto Castilho. São Paulo-Petrópolis: Editora Unicamp-Vozes, 2012.

Literatura secundária

- ARISTOTELE, *Ética a Nicômaco*. Edição bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2024.
- FIGAL, G. *Fenomenologia - Heidegger depois de Husserl e dos gregos*, In: DAVIS, B.W. (ed.). *Martin Heidegger. Conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2020, 59-72.
- LO CASTO, C. *L'essere come dynamis. Heidegger interprete del Sofista di Platone attraverso Aristotele*. Pisa: ETS, 2019.
- SEGURA PERAITA, C. *Hermeneutica de la vida humana. En torno al Informe Natorp de Martin Heidegger*. Madrid: Trotta Editorial, 2002.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

SILVA SANTOS, Bento. *A fenomenologia hermenêutica da vida fática de Martin Heidegger (1919-1923)*. São Paulo: Editora LiberArs, 2023.
SOMMER, Ch. *Heidegger, Aristote, Luther*. Paris: PUF, 2005.
VOLPI, F. *La selvaggia chiarezza. Scritti su Heidegger*. Milano: Adelphi, 2011.